

Ricardo Silva Beschizza

ATLÉTICO X CRUZEIRO: um clássico, uma rivalidade, uma
queda

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2012

Ricardo Silva Beschizza

**ATLÉTICO X CRUZEIRO: um clássico, uma rivalidade,
uma queda**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva

Co-orientador: Prof. Rogério Othon Teixeira Alves

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2012

RESUMO

O futebol é considerado o principal esporte do Brasil desde a década de 1930. A queda de um time de grande porte, como é o caso do Atlético Mineiro, para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de futebol é considerado um marco histórico negativo para o clube. Os clássicos entre rivais podem ser considerados uma forma de avaliação da equipe tanto na parte técnica quanto emocional. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a rivalidade Cruzeiro e Atlético, através das matérias do Jornal “O Tempo” publicadas entre os anos de 2001 e 2005. Foram explicitados e analisados os placares, goleadores, público, cartões e um breve resumo do que foi cada jogo válido pelos campeonatos regionais e nacionais. São 22 partidas, sendo 8 empates, 8 vitórias cruzeirenses e 6 atleticanas. Separando anualmente vê-se que não houve uma queda gradativa do Atlético até o ano de 2005. Considerando apenas jogos válidos pelo Campeonato Brasileiro, são 8 jogos, 1 empate, 4 vitórias celestes e 3 alvinegras, demonstrando equilíbrio entre as equipes. Separando anualmente, verifica-se uma alternância de superioridade. Os anos de 2001, 2003 e 2005 são melhores para o Cruzeiro. E os de 2002 e 2004 são do Atlético. O que mostra que o histórico dos resultados em clássicos entre Atlético e Cruzeiro não tem uma relação direta com o rebaixamento em 2005 para a segunda divisão. Porém, o fator psicológico pode ter sido determinante para tal.

Palavras-chave: Futebol. Cruzeiro. Atlético. Rivalidade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1- INTRODUÇÃO	7
2- OBJETIVOS	12
2.1- Geral	12
2.2- Específico	12
3- JUSTIFICATIVA	13
4- METODOLOGIA	14
4.1- Caracterização da Pesquisa	14
4.2- Amostra e Procedimentos	14
5- RESULTADOS	16
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

APRESENTAÇÃO

Sempre fui um apaixonado por esportes em geral. Por ser brasileiro, há uma grande tendência de ser inserido nas escolinhas de futebol ou futsal, e comigo não foi diferente. Quando pequeno passei por algumas escolinhas e equipes de futsal, até que, depois de alguns desentendimentos com técnicos, deixei de lado a “carreira de atleta” e joguei mais alguns anos por lazer.

Nascido em Uberaba - MG, não cheguei a morar nem seis meses em minha terra natal. Por causa do trabalho de meu pai, fomos eu, meus pais e meus dois irmãos, morar em Mogi das Cruzes - SP, que foi a cidade em que eu comecei a me interessar pelo futebol. Já que todos em minha casa torciam pelo Corinthians, não teve como evitar uma grande paixão pelo clube. Aos cinco anos de idade nos mudamos para Belo Horizonte, onde moro e até hoje.

Aproximadamente aos 12 anos de idade, muito por influência de meus irmãos e seus amigos do colégio, ingressei no basquetebol, esporte com o qual também me identifiquei bastante por ser esporte coletivo e de invasão, ou seja, com contato com o adversário, principalmente porque eu sempre joguei em quadras pequenas (3 contra 3) e sem juiz. Nesta modalidade permaneço até hoje, porém, por dificuldade de fixar uma turma para “bater uma bola”, e por uma certa falta de tempo, não tenho jogado muito.

Já tentei também o handebol, mas não sou dos melhores (apesar de que no colégio sempre era o primeiro ou o segundo melhor goleador na modalidade). A peteca também é um *hobby* que eu pratico quando arrumo tempo.

Porém, hoje em dia, voltei para a minha raiz que é o futebol e seus correlatos. Ultimamente, futsal e o futebol *society* são as modalidades que eu mais tenho praticado.

Como bom brasileiro, não poderia deixar de torcer por algum time de futebol. No meu caso, como já citado, preferi o Sport Club Corinthians Paulista, o “Timão”. Torcer é, para mim, a maior paixão que uma pessoa pode ter. O Corinthians já foi motivo de muitas discussões com namoradas, família, amigos, professores, e por aí em diante.

Agora no final da minha graduação em Educação Física, me deparei com a obrigação de escrever uma monografia. Devido à minha formação e trajetória pelo curso, logo me veio à cabeça o tema futebol. Mais especificamente as torcidas.

Como resido em Belo Horizonte há 21 anos, convivo mais intensamente com as torcidas do Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, as maiores da cidade. Neste cenário, presenciei inúmeros episódios que remetiam a atleticanos ou cruzeirenses. As discussões destes nunca chegaram a um consenso de quem é o melhor.

O Atlético, apesar de poucos títulos importantes, mantém o discurso do mais aguerrido e de torcida apaixonada. Enquanto a torcida do Cruzeiro se orgulha de sua organização e enumera muitos títulos nas últimas décadas.

Obviamente, dificilmente haverá uma conclusão quanto ao primeiro posto de equipe melhor ou mais querida, pois ambas são populares em Belo Horizonte.

E foi por isso que resolvi falar sobre a rivalidade Cruzeiro e Atlético. Não para tentar dizer quem é melhor, mas para tentar mostrar um pouco como vem decorrendo esta rivalidade. Objetivo observar o início do século XXI, período permeado por grandes conquistas do Cruzeiro, entre elas: o Campeonato Brasileiro (2003), Copa do Brasil (2003) e Copa Sul-Minas (2001 e 2002), paralelo a uma, suposta, decadência do Atlético, que culminaria com o rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro no ano de 2005.

É possível inferir que a imprensa – televisão, rádio, jornal impresso, internet, entre outros – é o meio que mais promove o “espírito” da rivalidade entre equipes, pois é através dela que a população se informa e sente o clima anterior e pós-jogos. Grande parcela da população tem acesso a informações diversas sobre futebol e a forma como elas são concebidas formam um arcabouço de entendimentos que irão influenciar na construção cultural que cada cidadão traz consigo.

Enfim, qual o discurso produzido pela imprensa esportiva mineira do início do século XXI, no acirramento da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro?

1- INTRODUÇÃO

O futebol chegou ao Brasil trazido pelo estudante paulistano Charles Miller, por volta de 1890, chegando primeiramente a São Paulo. A difusão em Minas Gerais, no entanto, se deu através de Victor Serpa, que assim como Miller havia estudado na Europa onde aprendeu o *football* (COUTO, 2003: 27-32).

Tanto com Miller em SP, quanto com Oscar Cox, no RJ, e também em MG com Victor Serpa, o futebol começou a surgir nas classes mais altas, sendo seus jogadores os chamados “*sportsmen*”. Isto, porque o esporte chegou ao Brasil como uma possibilidade de modernização (COUTO, 2003:94-95).

Em Minas Gerais, vários clubes foram montados, até que em 1908 surgiu o Clube Atlético Mineiro, o Galo. Em 1912, foi a vez do América Football Club, o Coelho, ser formado. E apenas em 1942, o Cruzeiro Esporte Clube, que havia sido Sociedade Esportiva Palestra Itália de 1921 até então, se tornou presente. Surgia a Raposa (COUTO, 2003:42-54).

Desde a década de 1930, o futebol é considerado o principal esporte do Brasil (COUTO, 2003:93). Alguns atribuem isto ao fato de o Brasil ser o único pentacampeão mundial até então.

Roberto DaMatta em sua publicação Universo do Futebol, em 1982, afirma que o futebol é uma forma de expressão, de retratação da sociedade brasileira, e não só um instrumento de lazer para sua população(DAMATTA, 1982:21-35). Este, para mim, é o grande motivo de a população brasileira se identificar tanto com o futebol.

Na minha visão, o futebol tem que ser analisado em pelo menos quatro perspectivas: cultura, esporte, lazer e, hoje mais do que nunca, negócio. Porém, não é o momento de entrar neste caminho.

A partir do momento que começaram a surgir os clubes e suas respectivas torcidas, cresciam também as rivalidades entre estas. E é sobre este tema que escreverei neste trabalho de monografia. Mais especificamente sobre a rivalidade entre Atlético e

Cruzeiro, que historicamente não foi o primeiro rival do Galo. Este papel foi do América. Porém, com a decadência do Coelho que, para SILVA(2009:23-26), teve seu início na década de 1930, a Raposa ganhou seu lugar.

Falar de rivalidade é extremamente complexo, pois envolve muitos fatores, como por exemplo: títulos, tamanho das torcidas, assiduidade nos estádios, violência intra e extracampo, etc.

Torcer é uma construção cultural. A partir do momento que criamos vínculos com outras pessoas, as experiências pessoais, viabilizadas pelos envolvimento familiares e de amizades, vão nos influenciar para torcer por algum clube de futebol, não há como afirmar que já nascemos torcendo por um time sem motivos plausíveis (SILVA, 2001). Dessa forma, os principais motivos que eu escuto de amigos e conhecidos para explicar o porquê de torcerem por seus times são: tradição familiar, títulos recentes do time e identificação com a torcida. Porém, ao escolher seu time de coração, inconscientemente, ou não, escolhe-se também o seu rival. E esta rivalidade será vivida para sempre, pois ela nunca deixa de existir mesmo que um dia um time esteja muito mais “forte” que o rival.

Um dia um torcedor de um bar que eu frequento em Belo Horizonte para assistir aos jogos do Corinthians disse o seguinte: “O Timão só tem um rival, mano. Rival nosso “é os Porcos” (Palmeiras), os Bambis (São Paulo) são inimigos”. Cheguei a pensar na frase uns dias depois. Não pensando nas rivalidades em si, mas na possibilidade ou não de coexistirem um time e dois rivais, ou seja, se um time pode, em um mesmo momento histórico, ter dois rivais. O Galo teve o América como principal rival até certo momento, mas hoje, este papel é do Cruzeiro. O Corinthians tem historicamente o Palmeiras como seu grande rival, mas hoje, o São Paulo vem tirando ou tentando tirar este título do Palmeiras. Por isso, a frase do torcedor me levou a esse questionamento.

A rivalidade é o que mantém a paixão do torcedor pelo futebol, mesmo com tantos erros de arbitragem, corrupção de dirigentes, etc. Qual é a graça para o cruzeirense se o Cruzeiro ganha um campeonato e não tem um atleticano para tirar um sarro? Qual o sentido de um atleticano comemorar um título se não poder fazer piadas com o amigo cruzeirense? E não importa se o título foi conquistado em cima do time rival. A brincadeira vai acontecer mesmo assim. E o mais interessante é que todos esses

“desafios verbais” (GASTALDO, 2005:116-119) e a “teatralização jocosa” (GASTALDO, 2005:119-120) são, na maioria das vezes, aceitas pelo alvo na esportiva. Mas nem sempre.

A rixa entre Atlético e Cruzeiro é diferente de Palmeiras e Corinthians ou Vasco e Flamengo. E esta diferença se deve ao fato de que em Minas, hoje, só existem dois times com torcidas equiparáveis, e estes são Cruzeiro e Atlético. Já no RJ, são quatro times grandes na capital (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), e em SP, três na capital (Corinthians, São Paulo e Palmeiras) e um no litoral (Santos). Portanto, em Minas Gerais, a grande maioria da população torce ou para Atlético ou para Cruzeiro, o que talvez torne a rivalidade ainda maior. Isto acontece, também, no Rio Grande do Sul com Grêmio e Internacional, no Ceará, com Ceará e Fortaleza, dentre outros.

Um clássico que também merece destaque acontece entre Ponte Preta e Guarani, ambos de Campinas, interior de São Paulo. Os clubes não são classificados como grandes de SP, porém, por serem clubes médios e de uma mesma cidade, apresentam uma rivalidade muito forte, e seu clássicos são marcados por muita violência intra e extracampo. Uma fonte muito interessante que trata desta rivalidade é a monografia de Márcio Pereira Morato intitulada “Rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos”, orientada pelo professor Dr. Jocimar Daolio (MORATO, 2003).

A maioria das discussões que presenciei confrontava a torcida do Galo com os títulos do Cruzeiro. De um lado os atleticanos alegando que sua torcida é maior e mais apaixonada que a do Cruzeiro, que ela comparece mais ao campo e que, inclusive, os cruzeirenses são todos “Marias”, presumindo uma possível homossexualidade dos rivais. De outro lado, os cruzeirenses ressaltando os títulos que o clube tem a mais do que o Galo, dizendo que a direção do seu time é mais organizada e coisas desse tipo.

O professor Dr. Marcelino Rodrigues da Silva em seu trabalho de Pós-doutorado (2009), escreve sobre a característica de cada torcida. Ele concluiu que como a formação de cada um dos times teve formatos diferentes, seus caminhos provavelmente seriam diferentes. O Cruzeiro hoje é reconhecido por suas conquistas (nos últimos anos alcançou vários títulos se comparado com o Atlético). Conquistas estas conseguidas através de muito trabalho e astúcia de seus dirigentes em negociar jogadores. Já o Atlético é mais exaltado pela torcida que, teoricamente, não abandona o time nunca

(demonstrando mais emoção pelo seu time). Como se a “paixão” dos torcedores transferisse ao time mais vontade para as “batalhas”, sem nunca desistir.

Esses valores foram retratados por Mangabeira nos mascotes dos clubes SILVA(2009:29-37). O galo, um animal que participa de brigas sangrentas nas rinhas que já foram e hoje, clandestinamente, ainda ocorre. E a raposa, um animal de extrema astúcia e esperteza.

E, ainda de acordo com SILVA(2009), essas diferentes características que definem Atlético e Cruzeiro, diferenciam também as formas de atuação dos torcedores. Cabe uma citação:

Essas significações reverberam, de forma diluída e disseminada, por inúmeros discursos e representações do imaginário esportivo belo-horizontino. Se a torcida do Atlético é fiel e apaixonada, a do Cruzeiro é exigente, ranzinza, acostumada a cobrar o desempenho de seu time. À possessão da “Galoucura”, encarnando a paixão atleticana, o Cruzeiro opõe a organização e a diligência de sua “Máfia Azul”. No universo da administração dos clubes, o Atlético tem uma mentalidade quase populista, dependendo hoje de um líder forte e carismático como Alexandre Kalil, apto a superar a corrupção e o desmando e entrar em sintonia com a massa. Enquanto isso, o Cruzeiro vive os benefícios de uma seqüência de boas administrações, encabeçadas pelos irmãos Perrella, verdadeiras raposas quando se fala em negócios. Dentro dos campos, o rebaixamento para a série B do Campeonato Brasileiro e a volta para a série A, em 2005 e 2006, foram vividos dramaticamente, como mais um episódio de superação do “vingador”. Ao passo que a “tríplice coroa” do Cruzeiro, com a conquista do Campeonato Mineiro, da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro em 2003, é mais uma “página heróica” na trajetória cruzeirense (SILVA, 2009:38).

É importante também ressaltar como técnicos e dirigentes também se envolvem nas rixas, assim como os jogadores e torcedores. Exemplos recentes de dirigentes que eram assíduos nas manchetes de jornais são Alexandre Kalil do Atlético e Zezé Perrella do Cruzeiro, que viviam trocando alfinetadas em diversas mídias (rádio, televisão, jornais impressos...).

Esta aversão ao rival pode chegar a pontos inacreditáveis. O Galo foi recentemente protagonista de um ato desta natureza. Em 7/9/2010, após ganhar apenas um clássico dos últimos dez disputados (desde julho de 2005), o clube mandou pintar o manto de Nossa Senhora das Graças que fica em sua sede. O motivo foi a cor azul do manto da santa que lembrava a cor do rival. Como pode ser visto no link http://www.youtube.com/watch?v=YO_s_0qXUJrw, tudo na sede do Atlético era preto e

branco, o que levou à pintura do manto da santa e à retirada do orelhão que tinham a cor azul.

O assunto Atlético x Cruzeiro, já foi também tema de músicas como “Galo e Cruzeiro” de Vander Lee que pode ser assistido, em uma versão atleticana em <http://www.youtube.com/watch?v=kdoZZqg78gI&feature=related>, ou de clipe como o de “É uma partida de futebol” da banda mineira Skank (http://www.youtube.com/watch?v=sYw61d_F8Ug).

Por tudo que foi dito até agora, creio que se pode dizer que o clássico Galo x Cruzeiro pode ser considerado um dos maiores clássicos brasileiros, mesmo levando em conta o momento ruim de ambas as equipes (o último ano em que um dos clubes conseguiu um título de expressão foi 2003, quando o Cruzeiro conquistou a tríplice coroa, vencendo os Campeonatos Mineiro e Brasileiro além da Copa do Brasil).

2- OBJETIVOS

2.1- Geral

Analisar o discurso produzido pela imprensa esportiva mineira do início do século XXI, no acirramento da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro.

2.2- Específico

Apresentar o perfil descritivo dos jogos entre Atlético e Cruzeiro entre os anos de 2001 e 2005.

3- JUSTIFICATIVA

O futebol é importantíssimo para a sociedade brasileira. Uma prova disso é que nosso país é conhecido como “o país do futebol”, mesmo com a nossa seleção ocupando, neste momento, o décimo terceiro lugar no ranking de seleções da FIFA.

Um só jogo de futebol mobiliza toda uma cidade. Estes eventos movimentam certa parte da economia local de várias cidades do Brasil através não só dos ingressos de jogos, mas também de tudo o que ocorre fora de campo. Exemplos desta economia são os comércios que são realizados ao redor dos estádios e o transporte utilizado pelos torcedores para chegar a eles.

Os jogos envolvem também a questão da segurança que deve ser redobrada para que torcidas rivais não se encontrem, evitando, assim, conflitos entre os torcedores, que podem culminar em pessoas feridas e até mesmo mortas, como não é tão raro quanto esperávamos.

4- METODOLOGIA

4.1- Caracterização da pesquisa

Este trabalho é um estudo histórico qualitativo e quantitativo. É feita uma introdução a respeito de rivalidade e especificamente a “rixa” entre Atlético e Cruzeiro para depois serem explicitados e analisados detalhes dos jogos ocorridos entre os dois no período de 2001 a 2005. Importante dizer que além da hermenêutica¹, a subjetividade² também se encontra presente neste estudo.

4.2- Amostra e Procedimentos

Foram analisadas as 22 partidas realizadas entre Cruzeiro e Atlético válidas pelos campeonatos regionais e nacionais. Nos arquivos do Jornal “O Tempo” havia o desfalque de algumas partes de alguns exemplares. Portanto, apenas consegui reunir 15 reportagens (tratando de 15 dos 22 clássicos), totalizando 17 páginas, que estão anexadas a este trabalho de monografia.

O jornal é um veículo que explicita um ponto de vista de um redator acerca de dados factuais. Ou seja, é uma expressão dos fatos, descrita por um jornalista.

Uma fonte interessante que trabalha a questão do jornalismo esportivo é a monografia de Nathália Ely da Silveira do ano de 2009, intitulada “Jornalismo esportivo: conceitos e práticas”, da qual retirei o seguinte parágrafo:

“Uma forma prática de definir o jornalismo é como uma atividade profissional da comunicação que lida com notícias, dados factuais, informações. O jornalista lida com a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais.” (SILVEIRA, 2009:26).

¹ Hermenêutica pode ser definida como “a ciência da interpretação de textos”, como definido por ALBERTI(1996).

² A melhor definição que encontrei para a subjetividade foi no Wikipédia (site da internet), que diz: “a subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos”.

O Jornal “O Tempo” foi criado há 22 anos, em Belo Horizonte. É um jornal diário, que veicula notícias não só sobre esportes, mas também política, economia, cidades, cultura, etc. Fui até a sede do Jornal “O Tempo”, situado no bairro Cidade Industrial na cidade de Contagem-MG, e coletei as reportagens dos dias seguintes aos clássicos ocorridos entre Cruzeiro e Atlético, referentes ao corte cronológico a ser estudado. Analisei resultados e falas do jornal procurando encontrar uma relação destes com o período de insucessos e decadência do Atlético, que culminaria com o seu rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, ocorrido em 2005.

O corte cronológico deste estudo engloba o período entre o ano 2001 até o de 2005. Foram todos os jogos (22) acontecidos no início do século XXI até o ano de rebaixamento do Atlético (2005) para a série B do Campeonato Brasileiro de futebol, um marco histórico negativo para o clube.

5- RESULTADOS

Nesta parte do trabalho irei expor o que ocorreu em cada clássico, a partir das notícias veiculadas pelo Jornal “O Tempo”. Alguns exemplares dos arquivos do jornal estavam faltando a parte de esportes, o que me fez recorrer a outras fontes para conseguir informações sobre os jogos.

Jogo 1:

28/02/2001 – Ipatingão - Copa Sul-Minas – Semifinal.

Manchete: “Clássico confirma equilíbrio entre rivais”.

Placar – Cruzeiro 1 (Jorge Wagner) x Atlético 1 (Guilherme).

Público: 13.710.

Cartões amarelos: Cruzeiro 3 x Atlético 2.

De acordo com o Jornal “O Tempo”, o que levou o clássico a ser realizado no estádio Ipatingão (localizado em Ipatinga - MG) foi um impasse entre clubes e a Administração dos Estádios de Minas Gerais (Ademg). O impasse ocorre em relação ao pagamento de taxas para a utilização do Mineirão, local onde normalmente ocorrem os jogos que envolvem Cruzeiro e/ou Atlético. Mudanças de local deste tipo podem ser boas para aumentar o público pagante, pois os torcedores das cidades que recebemos clássicos podem não estar acostumados a acompanhar seus times, e quando tem a chance de ir a um jogo deste calibre, não querem perdê-la.

Como a própria manchete indica, a reportagem mostra que houve um equilíbrio na partida, com alternância no domínio do jogo. Quem abriu o placar foi o Atlético, logo aos 4 minutos. O empate só ocorreu aos 21 minutos do segundo tempo. Com este empate, o time alvinegro manteve a vantagem de poderia empatar os dois jogos, colocando a pressão nas costas do rival para o segundo jogo.

Jogo 2:

3/3/2001 - Mineirão - Campeonato Mineiro – Fase classificatória.

Manchete: “Empate com Mineirão vazio”.

Placar: Cruzeiro 1 (Marcelo Ramos) x Atlético 1 (Cicinho).

Público: 7.570.

Cartões amarelos: Cruzeiro 6 x Atlético.

Cartões vermelhos: Cruzeiro 0 x Atlético 1.

O esvaziamento do clássico já era esperado já que o primeiro colocado no estadual não tinha vantagem alguma para a fase seguinte e, também, pelo excesso de clássicos (seriam 3 clássicos em apenas 11 dias). Quando se tem vários clássicos em um curto espaço de tempo, os torcedores tendem a escolher um ou outro mais importante para ir ao estádio.

O Atlético jogou com time reserva e mesmo assim manteve a ponta no campeonato e invencibilidade na temporada. Embora o Campeonato Mineiro tenha sua importância diminuída pelos torcedores, a cobrança sobre os jogadores é grande quando seu time não está na liderança.

Houve uma ligeira superioridade do Atlético no início do jogo e aos 36 minutos Cicinho marcou o gol que abriria o placar. Aos 38 do segundo tempo veio o empate com Marcelo Ramos. Como no jogo do Ipatingão, manteve-se o equilíbrio entre as equipes.

Até então, no século XXI, nenhum dos dois times conseguiu vencer o rival, o que pode demonstrar um grande equilíbrio entre as equipes.

Jogo 3:

10/3/2001 – Mineirão – Copa Sul-Minas – Semifinal.

Manchete: “Cruzeiro dá show de bola e elimina Galo”.

Placar: Atlético 1 (Guilherme) x Cruzeiro 3 (Geovanni, Jorge Wagner e Oséas).

Público: 33.692.

Cartões amarelos: Atlético 5 x Cruzeiro 4.

Cartões vermelhos: Atlético 1 x Cruzeiro 0.

Com esse resultado o Cruzeiro eliminou o Atlético e foi à final, acabando com a invencibilidade do rival na temporada e recuperando a confiança de sua torcida que andava meio desconfiada com o rendimento da equipe.

O alvinegro saiu na frente de pênalti aos 19 minutos do primeiro tempo. Aos 25, ainda da primeira etapa, veio o empate. Aos 4 minutos do segundo tempo, ocorreu a virada do Cruzeiro e aos 18 o último gol celeste foi marcado por Oséas. Diferente dos últimos dois clássicos, o Cruzeiro dominou praticamente pelos 90 minutos de partida.

Foi a primeira vez neste corte cronológico que observou-se uma partida que não ficou empatada. Talvez o início de uma arrancada para uma superioridade do Cruzeiro.

Jogo 4:

06/10/2001 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Manchete: “E o Mineirão ferve...”.

Placar: Cruzeiro 2 (Alex) x Atlético 2 (Ramon, Marques).

Público: 84.259 (o maior do Campeonato Brasileiro de 2001 até então).

Cartões amarelos: Cruzeiro 4 x Atlético 4.

Nos primeiros minutos o Atlético pressionou e o Cruzeiro abusou da violência. O juiz Alício Pena Júnior quis aparecer no jogo e por isso o jogo ficou morno por alguns minutos.

O jogo se equilibrou e o primeiro tempo terminou com uma chance do alvinegro.

Aos 10 minutos do segundo tempo, Oséas passou para Alex abrir o placar. Esse deixou o campo ovacionado (pelo passe) após ouvir muitas vaias por estar fazendo uma má partida. Isto é muito comum da torcida. Um jogador pode transitar entre o papel de vilão e de herói por várias vezes em uma mesma partida.

Aos 35 minutos, Alex ampliou de pênalti, calando a torcida atleticana, num momento em que o alvinegro era melhor no jogo.

Ramon diminuiu de falta aos 40 minutos, incendiando a torcida Atleticana.

3 minutos depois, a bola sobrou na área para Marques, após jogada de Cicinho. O atacante não desperdiçou e explodiu a torcida alvinegra, que ainda viu Alexandre perder uma chance aos 47 minutos do segundo tempo.

O clássico ficou marcado pelo grande público (o maior do campeonato até então) e pela emoção do início ao fim.

Mais uma vez o Atlético manteve a liderança de um campeonato com uma vitória sobre o rival. Porém, desta vez foi do Campeonato Brasileiro, o que credita uma importância ainda maior à vitória.

Os técnicos tiveram destaque na partida. O time celeste, então treinado por Marco Aurélio, entrou com um objetivo de marcar forte aos jogadores mais habilidosos do Atlético. Isto deu certo até Levir Culpi colocar Alexandre e Cicinho em campo, o que aumentou a velocidade do time e ajudou o alvinegro a buscar o empate no final da partida. Os treinadores normalmente só são lembrados negativamente. São, a meu ver, injustiçados por este motivo. Quando uma substituição não surte o efeito esperado, a torcida o ofende e pede que ele deixe o time. Porém, quando o contrário acontece, praticamente ninguém elogia o treinador, e muito menos pede que ele tenha um aumento de salário.

Jogo 5:

23/02/2002 - Mineirão - Copa Sul-Minas – Semifinal.

Placar: Cruzeiro 1 x Atlético 1.

Não consegui obter informações sobre este jogo, porém o resultado demonstra mais uma vez o equilíbrio entre as duas equipes.

Jogo 6:

21/04/2002 – Mineirão - Copa Sul-Minas – Semifinal.

Placar: Cruzeiro 1x Atlético 1.

Não consegui obter informações sobre este jogo. Mais uma vez prevaleceu o equilíbrio.

Jogo 7:

28/04/2002 – Mineirão – Copa Sul-Minas – Semifinal.

Placar: Cruzeiro 1 (Luisão) x Atlético 1 (Rodrigo).

Público: 21.521.

O Atlético saiu na frente com um gol de falta de Rodrigo aos 35 minutos do primeiro tempo.

O Cruzeiro chegou ao empate aos 16 do segundo tempo com Luisão.

A equipe celeste foi à final após vencer por 4 a 2 nos pênaltis (Bosco e Baiano perderam pelo Atlético).

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=y99AOlqMngg> .

Já seria o quarto empate seguido. Apenas por estes jogos não dá pra saber se os times estão em momentos semelhantes, mas pelo menos em relação aos clássicos, não há dúvida de que as forças estão igualadas, mesmo levando em conta a vitória celeste nos pênaltis.

Jogo 8:

26/05/2002 – Mineirão - Supercampeonato mineiro.

Manchete: “Cruzeiro despacha Galo”.

Placar: Atlético 0 x Cruzeiro 1 (Alessandro).

Público: 5.252.

Durante a partida Marques desmaiou após cabeçada involuntária de Luisão.

O gol de Alessandro ocorreu aos 44 minutos do segundo tempo.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=FLJf0U5cbYI> .

Até então, desde 2001, o Atlético não ganhara nem um clássico, o que pode indicar uma pequena superioridade do Cruzeiro, que venceu 2 dos 8 jogos.

Jogo 9:

20/10/2002 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Manchete: “Galo volta ao paraíso”.

Placar: Cruzeiro 1 (Luisão) x Atlético 2 (Souza, Paulinho).

Público: 45.524.

Após o Atlético fazer 2 a 0, o Cruzeiro diminuiu a diferença.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=oOYjpE7o0nA>.

Foi a primeira vitória do Atlético em clássicos contra o Cruzeiro no século. Talvez pudesse ser a reação do alvinegro em busca da superioridade em relação ao rival.

Jogo 10:

15/02/2003 – Mineirão – Campeonato Mineiro.

Placar: Cruzeiro 4 (Alex(2), Deivid, Marcelo Ramos) x Atlético 2 (André Luis e Lúcio Flávio).

André Luis, do Galo, fez o primeiro após cobrança de falta de Lúcio Flávio.

Alex empatou de direita de fora da área.

Alexandre colocou o Galo na frente de novo.

Alex fez mais um, desta vez de rebote.

Deivid, impedido, marcou o terceiro do Cruzeiro.

Marcelo Ramos fechou a goleada após passe de calcanhar de Alex.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=yJDij9XbYE>.

O Cruzeiro começava a adquirir uma boa vantagem sobre o alvinegro.

Jogo 11:

15/06/2003 – Mineirão - Campeonato Brasileiro.

Manchete: “Cruzeiro leva vantagem no empate”.

Placar: Cruzeiro 0 x Atlético 0.

Cartões Amarelos: Cruzeiro 1 x Atlético 3.

O Cruzeiro perdeu um pênalti cobrado por Deivid e defendido por Eduardo.

O Atlético também teve a chance de pênalti, mas Fábio júnior carimbou o travessão do gol defendido por Gomes.

O Cruzeiro manteve a liderança do Brasileirão, do qual seria campeão. Este ano foi o ano da Tríplice Coroa do Cruzeiro.

A liderança isolada foi assumida pelo Cruzeiro enquanto o Atlético ficava com a sétima colocação.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=R-rfjelrEnI>.

Apesar de o Cruzeiro estar melhor no campeonato, o equilíbrio entre os rivais voltou a prevalecer nesta partida, o que reforça o dito popular que diz que “clássico é clássico” , e quer dizer que o desempenho de uma equipe em um clássico, independe de seu momento, ou seja, de resultados anteriores à partida.

Jogo 12:

12/10/2003 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Placar: Atlético 0 x Cruzeiro 1 (Mota).

Público: 66.930

Cartões amarelos: Atlético 2 x Cruzeiro 4.

Aproveitando cruzamento da direita, Mota marcou de cabeça aos 33 minutos de jogo.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=GalZrKhDzjw>

Já chegando na reta final do Campeonato Brasileiro, a superioridade do time celeste foi afirmada na vitória no clássico.

Jogo 13:

29/02/2004 – Mineirão – Campeonato Mineiro.

Manchete: “Galo é o dono da festa no clássico”.

Placar: Atlético 5 (Tucho(3) e Alex Mineiro(2)) x Cruzeiro 2 (Guilherme(2), Alex).

Público: 59.999.

Guilherme, ex-jogador do Atlético, abriu o placar aos 10 minutos do primeiro tempo e mandou a torcida alvinegra calar a boca.

Alex Mineiro, ex-jogador do Cruzeiro empatou o jogo aos 25 minutos e repetiu o gesto de Guilherme.

Tucho marcou 3 vezes ainda no primeiro tempo e abriu 4 a 1 para o Atlético no clássico.

Alex de pênalti diminuiu para o Cruzeiro.

Guilherme continuou a reação do time celeste marcando após escanteio batido por Alex. 4x2.

Após rebote de Gomes em cobrança de falta de Michel, Alex Mineiro fecha a goleada.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=DWVKwzWfQZc>.

Foi um jogo anormal, de muitos gols, em que o Atlético saiu com muita moral, já que não é sempre que se vence um clássico desta maneira.

Jogo 14:

11/04/2004 – Mineirão – Campeonato Mineiro – Final.

Manchete: “Cruzeiro passeia e toma vantagem”.

Placar: Cruzeiro 3 (Alex, Jussî(2)) x Atlético 1 (Alex Mineiro).

Público: 38.350.

Cartões amarelos: Cruzeiro 2 x Atlético 1.

Cartões vermelhos: Cruzeiro 1 x Atlético 1.

Logo aos 7 minutos, Alex Mineiro abriu o placar com um belo gol de cabeça encobrando Gomes.

Um minuto depois, Alex, do Cruzeiro, empatou em cobrança de falta.

Após grande arrancada, Sandro passou para Jussî bater na saída de Eduardo. Foi a virada do Cruzeiro.

Jussî fez bela jogada no contra-ataque e marcou o último gol do jogo.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=Wk19CS3EtdM>

A partida foi marcada, também, pela morte de um torcedor de 24 anos que foi espancado até a morte na Estação BHBUS Venda Nova, durante uma guerra entre torcidas de Cruzeiro e Atlético.

Jogo 15:

18/04/2004 – Mineirão – Campeonato Mineiro – Final.

Placar: Atlético 1 (Luiz Alberto) x Cruzeiro 0.

Público: 45.212.

Cartões amarelos: Atlético 2 x Cruzeiro 5.

Cartões vermelhos: Atlético 1 x Cruzeiro 1.

Tucho e Cris foram expulsos após desentendimento.

O zagueiro Luiz Alberto ganhou dividida, arrancou, deixou 2 marcadores para trás e fez um belo gol de fora da área.

O resultado ainda deu o título para o Cruzeiro por causa da vitória por 3 a 1 no primeiro jogo.

A partida ficou manchada mais uma vez pela violência. Desta vez, uma briga generalizada entre jogadores, torcedores e seguranças ao final do jogo. A briga começou porque Cris foi comemorar o título em frente a torcida atleticana. Eduardo não aceitou e “foi tirar” o zagueiro de lá.

Fonte - <http://www.youtube.com/watch?v=kLDjeCXcGC4>

Jogo 16:

10/07/2004 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Manchete: “Atlético vence e lava a alma da torcida”.

Placar: Atlético 2 (Alex Mineiro e Quirino) x Cruzeiro 0.

Público: 11.573.

Cartões amarelos: Atlético 1 x Cruzeiro 2.

Foi o clássico de número 200 no Mineirão. O Atlético conquistou a 67ª vitória e o título de “Rei do Mineirão”. O time alvinegro conseguiu também a saída da zona de rebaixamento do campeonato e o Cruzeiro caiu para a nona colocação.

Alex Mineiro, em impedimento, recebeu lançamento de Renato e marcou o primeiro do Atlético aos 13 minutos de jogo.

Aos 25 da segunda etapa, Quirino aproveitou falha de Maldonado, arrancou, driblou Marcelo Batatais e finalizou para marcar o segundo gol da partida.

A torcida não perdoou o time cruzeirense gritando: “vergonha, vergonha, vergonha”. Os torcedores ainda perseguiram os cruzeirenses após o jogo.

O jornal destaca o fato de Alex Mineiro (ex-jogador do Cruzeiro), ter marcado 4 gols em 4 clássicos pelo o Atlético.

O público foi o menor do clássico em Campeonatos Brasileiros no Mineirão.

Jogo 17:

23/10/2004 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Manchete: “Atlético deixa CTI com goleada inédita”.

Placar: Cruzeiro 0 x Atlético 3 (Rodrigo Fabri, Rubens Cardoso e Juninho).

Público: 17.070.

Cartões amarelos: Cruzeiro 4 x Atlético 5.

Cartões vermelhos: Cruzeiro 1 x Atlético 0.

Foi um recorde de diferença de gols em favor do Atlético contra o rival em Campeonatos Brasileiros.

O Atlético, assim como no primeiro clássico ocorrido neste campeonato entre alvinegros e celestes, saiu da zona de rebaixamento após a vitória.

O Cruzeiro completou seu quinto jogo sem vitória na competição.

Após chances para os dois lados, já aos 40 minutos, Zé Antônio cruzou para Fabri abrir o placar de cabeça.

O técnico cruzeirense, Marco Aurélio, tirou um zagueiro (havia 3 até então) e colocou o meia Wagner para a segunda etapa.

Aos 5 minutos, Renato passou para Rubens Cardoso finalizar na saída do goleiro Artur. 2 a 0 Atlético.

Edu Dracena foi expulso aos 17 minutos por falta desleal em Rodrigo Fabri.

O Atlético desperdiçou boas chances com Renato e Rubens Cardoso, mas aos 36 minutos, Juninho aproveitou cruzamento de Alex Mineiro para fechar o placar.

Jogo 18:

20/02/2005 – Mineirão – Campeonato Mineiro.

Manchete: “Galo vence clássico e assume liderança”.

Placar: Cruzeiro 0 x Atlético 2 (Rodrigo Fabri e Euller).

Público: 60.778.

Cartões amarelos: Cruzeiro 3x Atlético 3.

Foi a quarta vitória seguida do Atlético sobre o rival, fato que não ocorria desde os anos 70.

A liderança passou a ser do Atlético que igualou em número de pontos, mas ganhava no saldo de gols (9x3).

O alvinegro fez o placar ainda no primeiro tempo com Rodrigo Fabri de falta e Euller de cabeça em cruzamento de George Lucas.

A derrota foi o fim da invencibilidade do Cruzeiro na temporada.

Foi exaltada a raça do Atlético, já que o jogo não teve muita técnica, a não ser por algumas jogadas de Fabri, melhor jogador em campo, de acordo com o Jornal “O Tempo”.

Durante a semana anterior ao jogo, muito se falou sobre a arbitragem de Paulo César de Oliveira. O árbitro paulista foi alvo de reclamações de ambas as diretorias.

A única chance do Cruzeiro no primeiro tempo foi com Fred, que acertou a trave de Danrlei.

Já na segunda etapa, o time celeste foi todo para cima preocupando o técnico do Atlético, Procópio Cardoso, mas não conseguiu marcar nenhum gol.

O treinador cruzeirense, Levir Culpi, afirmou que o Atlético apresentou um bom futebol, mas sua equipe teve as melhores oportunidades do jogo, apesar da derrota. Não sei se realmente o Cruzeiro teve as melhores chances, mas também não duvido, já que no futebol, nem sempre o time que se apresenta melhor consegue a vitória.

Jogo 19:

26/03/2005 – Mineirão – Campeonato Mineiro – Semifinal.

Manchete: “Fred cumpre promessa”.

Placar: Atlético 0 x Cruzeiro 1 (Fred).

Público: 26.157.

Cartões amarelos: Atlético 5 x Cruzeiro 6.

Cartões vermelhos: Atlético 1 x Cruzeiro 0.

Fred conseguiu marcar seu primeiro gol com a camisa celeste em clássicos.

O placar permitia ao Cruzeiro perder por um gol de diferença no segundo jogo.

Após boas chances, Fred marcou de falta contando com um desvio na barreira aos 15 minutos da segunda etapa. O atacante ainda teve mais uma chance de cabeça, a qual parou no travessão de Diego.

O Atlético acertou 2 bolas na trave e o Cruzeiro, uma.

O time alvinegro já tinha tido o atacante Euller vetado antes do jogo e ainda perdeu, por lesão, Renato e Adriano durante a partida.

Além de acabar com o tabu individual, Fred ajudou o Cruzeiro a acabar com uma sequência de 4 derrotas seguidas para o rival e um jejum de mais de 500 minutos sem gols contra os alvinegros. Tabus são sempre muito lembrados nas conversas entre torcedores rivais. Eles são utilizados de modo a reforçar que seu time é melhor do que o rival.

Melhores momentos: <http://www.youtube.com/watch?v=hxDkKeZXk1A>

Jogo 20:

03/04/2005 – Ipatingão – Campeonato Mineiro – Semifinal.

Placar: Cruzeiro 0 x Atlético 0.

Melhores momentos: <http://www.youtube.com/watch?v=K0Ujz5ciQu0>

Não consegui obter informações sobre este jogo.

Jogo 21:

10/07/2005 – Mineirão – Campeonato Brasileiro.

Manchete: “Com PC, Cruzeiro bate Galo de virada”.

Placar: Cruzeiro 2 (Marcelo Batatais e Fred) x Atlético 1 (Zé Antônio).

Público: 43.567.

Cartões amarelos: Cruzeiro 6 x Atlético 4.

Cartões vermelhos: Cruzeiro 0 x Atlético 1.

Foi o recorde de público desta edição do Brasileiro, até então.

O Cruzeiro conseguiu a quebra de um jejum de 5 jogos sem vitória no campeonato. Já o Atlético se manteve na zona de rebaixamento.

O alvinegro inicialmente tomou a frente do jogo com boas jogadas de Marques, mas foi Renato quem perdeu a primeira chance dentro da pequena área.

Depois foi a vez de Marques perder uma boa oportunidade em uma bela jogada individual.

Fred teve ótima chance, mas parou em Danrlei.

O Cruzeiro equilibrou o jogo, mas Marcelo Batatais cometeu falta perto da área e tomou cartão amarelo, o que o tiraria da próxima partida. Na cobrança, Zé Antônio encheu o pé para abrir o placar.

O zagueiro Henrique, do Atlético, errou e foi “obrigado” a puxar o atacante cruzeirense. Foi seu segundo cartão amarelo e, conseqüentemente, ele foi expulso, prejudicando a equipe alvinegra.

Além da expulsão de Henrique, o Atlético ainda teve o desprazer de sofrer o gol de cabeça de Batatais após cruzamento de Wagner.

Antes dos 15 minutos do segundo tempo, Fred matou um rebote no peito e bateu para fazer o gol da virada celeste.

Amaral e Leandro Castán tiveram chances de empatar, mas o jogo terminou com a vitória dos cruzeirenses.

Houve tentativa de invasão de mais de um torcedor, em diferentes momentos da partida.

Jogo 22:

16/10/2005 – Mineirão – Campeonato Brasileiro

Manchete: “Cruzeirenses levam a melhor”

Placar: Atlético 0 x Cruzeiro 1 (Adriano Gabiru).

Público: 42.476.

Cartões amarelos: Atlético 4 x Cruzeiro 5.

Marques quase abriu o placar em um chute que bateu no travessão e em cima da linha.

Houve chances alternadas para Cruzeiro e Atlético, mas quem conseguiu marcar foi o celeste Adriano Gabiru de cabeça.

Rafael Miranda perdeu um gol incrível em rebote dado pelo goleiro Fábio.

Gabiru ainda acertou o travessão do goleiro Bruno em belo chute de fora da área.

Wando recebeu sozinho um lançamento de Wagner e quase marcou na saída de Bruno.

Marques perdeu mais uma boa chance para empatar.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=0DWY7ECEk1I>

Este foi o último clássico antes do rebaixamento do Atlético para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Analisando anualmente, podemos observar os dados presentes na Tabela 1 e através dela, percebemos que no ano de 2001, houve uma ligeira superioridade do time celeste, que obteve uma vitória e 2 gols a mais que o Atlético, porém pode-se considerar, já que houveram 3 empates em 4 jogos que houve um equilíbrio.

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	Total
Jogos	4	5	3	5	5	22
Empates	3	3	1	0	1	8
Vitórias do Cruzeiro	1	1	2	1	3	8
Vitórias do Atlético	0	1	0	4	1	6
Gols do Cruzeiro	7	5	5	6	4	27
Gols do Atlético	5	5	2	12	4	28

Tabela 1- Resultados dos clássicos Cruzeiro e Atlético entre 2001 e 2005.

O ano de 2002 demonstrou uma igualdade ainda maior dos clubes, que pode ser verificada em todos os dados.

Já no ano de 2003, que foi um ano histórico para o Cruzeiro, pois foi quando este conquistou a Tríplice Coroa, vencendo os Campeonatos Mineiro e Brasileiro além da Copa Libertadores da América, o clube celeste foi superior em 2 partidas enquanto o rival não alcançou nenhuma vitória. Neste ano, a superioridade do Cruzeiro é incontestável.

Em 2004, o Atlético se vingou da superioridade do rival, vencendo 4 dos 5 encontros. O Cruzeiro venceu apenas uma vez. Neste período ocorreu a maior diferença de vitórias e também de gols entre os rivais em um mesmo ano.

Porém, em 2005 o Cruzeiro mais uma vez foi superior ao Atlético em número de vitórias, apesar de o número de gols ter sido o mesmo. Foram 3 vitórias celestes contra apenas uma alvinegra.

Em termos gerais, pode-se dizer que houve um equilíbrio entre as equipes nos clássicos ocorridos entre 2001 e 2005. Foram 22 jogos, totalizando 8 empates, 8 vitórias do Cruzeiro e 6 vitórias do Atlético.

Outra tabela a ser analisada é apresentando os mesmos dados, porém envolvendo apenas os encontros dos rivais nos Campeonatos Brasileiros do período estudado neste trabalho. Tais dados se encontram na Tabela 2.

É importante ressaltar que em 2003, o regulamento do Campeonato Brasileiro foi alterado, dando início à era dos pontos corridos, que prevê 2 encontros entre todas as equipes participantes da competição.

Em nenhum ano houve uma igualdade de vitórias entre os rivais em Campeonatos Brasileiros. Porém, em termos gerais, pode-se considerar, assim como na Tabela 1, que houve um equilíbrio entre as equipes, já que em 8 partidas, o Cruzeiro venceu 4 e o Atlético 3, havendo apenas um empate. Em relação a gols, o alvinegro marcou 10 e seu rival, 7.

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	Total
Jogos	1	1	2	2	2	8
Empates	0	0	1	0	0	1
Vitórias do Cruzeiro	1	0	1	0	2	4
Vitórias do Atlético	0	1	0	2	0	3
Gols do Cruzeiro	2	1	1	0	3	7
Gols do Atlético	2	2	0	5	1	10

Tabela 2: Resultados dos clássicos entre Atlético e Cruzeiro em Campeonatos Brasileiros entre 2001 e 2005.

Portanto, analisando os dados da Tabela 1 e da Tabela 2 além dos dizeres do Jornal “O Tempo”, não acredito que os encontros entre Atlético e Cruzeiro possam ter sido o fator principal no rebaixamento do time alvinegro para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Uma observação interessante de ser feita é que no ano de 2004, o Atlético alcançou duas vitórias sobre o rival no Campeonato Brasileiro e ambas o tiraram da zona de rebaixamento. Pode-se pensar a partir disto que o Atlético já vinha mal desde o ano anterior e não conseguiu melhorar no ano de 2005, o que culminou em sua queda. Esta é uma análise válida, porém, o Fluminense nos deu um exemplo de que nem sempre isto acontece. No campeonato de 2009, o clube carioca nas últimas rodadas tinha mais de 90% de chance de ser rebaixado. Após escapar da “degola” com atuações magistrais principalmente de Fred e Conca, o clube foi campeão do Campeonato Brasileiro de 2010.

Já em 2005, o Cruzeiro venceu as duas partidas, o que ajudou o alvinegro a ser rebaixado. Uma derrota para o rival pode ajudar a desestruturar psicologicamente uma equipe. Se esta já está em uma situação ruim no campeonato, isto tende a piorar, fazendo com que o time perca outros jogos em decorrência de um abatimento posterior à derrota no clássico.

Outro ponto relevante é que não houve uma dominância do Cruzeiro de forma gradual nos últimos anos até que o Atlético fosse rebaixado. Em Campeonatos Brasileiros, houve uma alternância de soberanias. Nos anos de 2001, 2003 e 2005 o Cruzeiro venceu, enquanto o Atlético foi melhor nos de 2002 e 2004.

Portanto, não há como fazer uma relação da história dos clássicos entre 2001 e 2005 com o rebaixamento do Atlético no Campeonato Brasileiro de futebol do ano que fecha este período.

O que pode-se fazer neste caso é estabelecer uma relação entre os clássicos do ano deste fato com os clássicos do mesmo ano de seu acontecimento. Ou seja, os clássicos entre Cruzeiro e Atlético podem ter sido determinantes na queda do alvinegro, não só pelos pontos que este deixou de ganhar, mas muito mais por causa do abalo psicológico que tais derrotas podem ter causado na equipe atleticana.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atlético e Cruzeiro se enfrentaram 22 vezes entre os anos 2001 e 2005. Neste ano, a equipe alvinegra foi rebaixada para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de futebol, o que foi um marco histórico para o clube. Nestes 22 jogos, foram 8 vitórias do Cruzeiro, 8 empates e 6 vitórias alvinegras.

Levando em consideração as análises feitas durante o trabalho, chego à conclusão de que o histórico dos clássicos entre Cruzeiro e Atlético não foi determinante para o rebaixamento deste. O que me levou a chegar a esta conclusão foram as relações entre os resultados dos jogos no período estudado. Em termos gerais, verifica-se um equilíbrio entre as equipes neste período, enquanto em Campeonatos Brasileiros, há uma alternância de dominâncias.

Porém, analisando-se apenas do Campeonato Brasileiro de 2005, encontra-se uma relação direta entre os resultados dos clássicos com o rebaixamento do Atlético. Isto, não apenas pelos pontos que este deixou de ganhar nestes dois jogos, mas muito por causa do abalo psicológico sentido pela equipe alvinegra após tais derrotas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. *Estudos históricos - Historiografia*, Rio de Janeiro, v.9, nº 17, p.31-57, 1996.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Belo Horizonte: PUC, 2003.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n.24, p.107-123, jul./dez. 2005.

HONORATO, Flávio Augusto, RICHETER, Paulo Fernando O., MATTES, Reinaldo e TONDATO, Paulo Eduardo Torres. Esporte e Cultura: breve histórico do estilo brasileiro de jogar futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v.8, suplemento, 2009.

MORATO, Márcio Pereira. A rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. (Monografia) Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2003.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. A construção discursiva da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro. (Pós-Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua Imensa Torcida é Bem Feliz... da relação do torcedor com o clube*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, ano 05, número 09, 2006.

www.wikipedia.org (Site da internet).

www.youtube.com (Site da internet).